

# A ROSA

PERIÓDICO RECREATIVO.

Anno de 1857.

Natal 22 de Fevereiro



## A ROSA.

### NECESSIDADE DA EDUCAÇÃO DA MULHER.

O homem forma-se nas mantilhas de seo berço: *L' home est, pour aini dire, tout entier dans les langes de son berceau*: assim se exprime Tocqueville.

Na infancia consiste por sem duvida a verdadeira felicidade do homem. Aquelles sentimentos, que lhe são inspirados n'essa quadra a mais melindrosa de sua existencia, jamais se extinguem: se pois esses sentimentos são d'aquelles, que elevaõ o homem, por assim dizer, acima de si mesmo, quando depois a instrucça'o fizer desenvolver esse germen plantado em seo coraçã'o, elle corresponderá por certo ao fim a que foi destinado pelo seo Autor.

Na infancia a vontade do homem, por isso que não tem aquella força que na idade adulta se manifesta, facilmente se deixa dirigir pela ternura; e facilmente tambem seo coração, ainda tenro, se deixa dominar d'aquelles sentimentos que lhe são inspirados pelo amor.

Na infancia só a Mãe pode articular verdadeiras expressões de ternura. por que só ella sabe ter esse amor que mais se pode comprehender que definir; n'essa idade tambem o homem só tem amor a um ente, á sua Mãe

Na infancia o homem assim que pode articular um som intelligivel, o nome que primeiro pronuncia é o de—Mãe—O amor por essa mulher, que sem cessar o vinha contemplar e acariciar em seo berço, que ao seo mais leve grito corria affli-

sta em seo soccorro, esse amor immenso e indefinivel, que até então só se manifestava em seos gestos innocentes, e no entreabrir engraçado de seos labios, desabrocha finalmente e se expande n'essa palavra misteriosa e sublime—Mäi—esse ente que lhe transmite como por encanto um por um de seos sentimentos.

Na infancia pois do homem é a Mãi o ente a quem principalmente está incumbida a missa'o sublime de velar na sua educação: d'ella por tanto pende a sua futura grandeza.

Se ella for dotada de uma alma bem formada; se procurar imprimir no coração de seo filho sentimentos puros; se sussurrar a seos ouvidos as doces palavras de piedade e d'aquellas virtudes que exalta'o as almas generosa; se ella finalmente tiver recebido de seos Pais uma accurada educação; esse menino assim educado, e aperfeiçoado depois pelo estudo de doutrinas säas, lançado no grande theatro do mundo, representará um papel importante. Se a fortuna lhe sorrir, elle saberá ser feliz; se porém lhe for contraria, elle saberá resistir a seos

embates, e a *desgraça tornará a sua alma um instrumento todo harmonia, do qual ao menor sopro se desprenderá'o sons inexpressiveis* [ 7 ] e será sempre feliz.

Se porém essa Mãi for uma mulher orgulhosa e insensata, caprixosa e colerica; se cuidar somente em satisfazer a sua vaidade esmerando-se em um apurado luxo; se quizer viver somente em continuos folgares; se na'o comprehender que d'ella depende a verdadeira felicidade de seo filho, e que por isso deve ser uma sentinella vigilante para dirigir seos mal seguros passos pela vereda da virtude, desviando-o d'aquella que possa conduzi-lo ao vicio; se essa Mãi finalmente não tiver tido quem na sua infancia cuidasse em bem formar seo coração: enta'o esse menino, seguindo o exemplo de sua Mãi, será depois de homem o flagello de seos semelhantes; e quando os remorsos o perseguirem, elle amaldiçoará sua Mãi, que na'o curou de sua infancia, que o deixou sempre satisfazer seos desordenados caprixos.

Assim pois, a educação do homem pende immediatamene da mulher; e se essa educação

se na'o firmar em bases solidas e verdadeiras; se a virtude não for a sua guia, o homem jamais poderá comprehender a alta missa'o a que é destinado neste mundo, na'o poderá ser perfeitamente feliz, ainda que seja ditoso.

Por tanto, para que o homem possa ser bem educado, e verdadeiramente feliz, é incontestavelmente necessaria a boa educação da mulher.

A mulher, como filha, deve por suas virtudes tornar-se o orgulho de seus paes, o seu prazer, a sua consolacão na velhice. Como esposa deve, por seus desvellos, fazer a felicidade de seu esposo, e comprehender que n'ella deve elle encontrar o descanso de uma vida laboriosa, a consolacão de seus infortunios, e olhal-a, na'o como a afflicção, a chaga mortal de seu coracão, e sim como *uma graça que excede a toda a graça* ( — ).

Na qualidade de Mãe finalmente deve trabalhar para o aperfeiçoamento e verdadeira felicidade de seus filhos. Para que pois ella possa cumprir a augusta missa'o a que é destinada sobre a terra é absoluta-

mente indispensavel que seus Pais curem desveladamente de sua educaçã'o, e se compenetrem d'esse sublime pensamento do grande e immortal Washington—  
—*O coracão da mulher bem educada e virtuosa contém uma faísca do fogo celeste, que está eclipsada durante o grande dia da prosperidade, mas que brilha e resplendece com todo o seu esmalte na sombria noite da desgraça.*

A. B. F. Tinoco.

(a) *Chateaubriand.*

(b) *Principio da Phi. Hebraica.*

— \* \* \* —  
\* \* \* \*

### A'S MINHAS PATRICIAS.

Se nas praias arenosas  
Bate o pego infurecido,  
Soltando rouco gemido,  
Qual ribombo do trovão:  
Diz—que as bellas Natalenses  
Tem o peito bronzeado  
Para os rigores do fado,  
Para imiga tentacão.

E se na rocha escarpada  
As vagas se va'o quebrar;  
Se o Noto vai sibilar  
Entre as fendas do penedo:

## A ROSA.

Dizem—que minhas patricias  
São constantes, quando amam,  
Sinceras, quando disamam,  
Herbicas, quando tem medo.

Se a mansa, fagueira briza  
Entre as folhas rumoreja  
E brandamente bafeja  
Fragante, deugosa flor:  
Diz—q' o Ceo nos deo clemente  
Bellos anjos, virgens puras,  
Innocentes creaturas,  
Perene fonte de amor.

Sendo esposas sa'o fieis,  
Extremosas, ternas sa'o;  
Sendo filhas sa'o amantes,  
Tem singelo coraçã'o.

Sendo mães. . . que amorosas,  
Q' amantes, que meigas são! . . .  
Suaves, qual o manã  
Baixado d'alta mansa'o.

Mais puras e mais formosas,  
Q' as Natalenses na'o ha;  
Pois sa'o os gratos primores  
Das creações de Tupã.

G.

---

### LOGOGRIPHO

A primeira junta á quinta  
(Inda istouão é tudo)

Nós a temos no sapato,  
Na polaina e no escudo.  
Se a quarta e quinta á segunda  
Juntares, com promptida'o  
Verás' o leitor, de rosa  
Um semiaberto bota'o.

A quarta une a segunda  
Q' neste verso hasde achar,  
Ou em arbusto silvestre,  
Se lá fores procurar.

Com a segunda a primeira  
Na guerra é muito aspirada:  
Dê possai-la o desejo  
Dá coragem desmarcada.

Com -te- terceira e segunda  
E hortaliça que cheira.  
Maninho nem sempre é  
Junta á segunda a terceira.

Da-me o consenso que diga  
Que, sena'o me decifrares,  
Eu julgõ conveniente  
Comigo mesma apanhares.

S. O. R. Fagundes.

---

—+—

### CHARADA.

Opposto ao mal— 1  
Sem mais demora— 1  
Do-eu-vario— 1

Ah ! jovem chora  
Pela mai tua,  
Que deo-te a vida  
Com a morte sua!

---

Typ. Liberal Rio Grandeense 1857.  
Impresso por A. J. B. Tinoco.

# A ROSA.

PERIODICO RECREATIVO.

Anno de 1857.

Natal 1 de Março.



## A ROSA.

### A VIRTUDE.

O que é o homem? Dizia Heraclito de Epheso. O seu saber na'o é sena'o ignorancia, a sua grandeza baixeza, a sua força fraqueza, o seu prazer dor! Entretanto, acrescentamos nós, elle tem em si um meio de fazer da sua ignorancia saber, da sua baixeza grandeza, da sua fraqueza força, da sua dor prazer—é a liberdade—essa combinaça'o da reflexa'o e da actividade, essa semente plantada em seu espirito pela sua causa genitora, que sendo cuidadosamente cultivada, produzirá bellos e sazoados fructos, fructos que o rigor das estações na'o pode corromper--sa'o a Virtude.

Os prazeres materiaes e

desordenados, que embriagam os sentidos, e corrompem a alma, esses prazeres, que, embora criminosos, nós afagamos e lisonjeamos tanto, sa'o illusorios, e de nenhuma duraca'o, e em vez de elevarem o homem, concorrem para sua degradaça'o; porque só a Virtude é um bem eterno, só ella pode dar o verdadeiro prazer, á verdadeira flicidade: ella, sendo filha do espirito, o acompanha na sua immortalidade, e sendo emanada do céo, só do céo deve esperar o seu completo galardão.

O homem pois fazendo um verdadeiro uso de sua razã'o e de sua actividade, sujeitando-se a lei do dever, collocando-se fora da dependencia das cousas exteriores, libertamento, a que nengum pode chegar, sena'o pelo desprezo dos prazeres vaos, pelo horror ao crime, pela pratica das boas

acções--pela Virtude--poderá chegar ao alvo desejado--a felicidade suprema-- esta felicidade, q' o torna semelhante a Deos, e que, na fraze de Plata'o, é sempre a partilha da sciencia e da Virtude; porque a Virtude é um instrumento da felicidade, é o meio unico que pode conduzir o homem á essa felicidade suprema-

Se por tanto a Virtude é o unico bem eterno, e o meio porque se pode chegar á felicidade, o homem virtuoso é necessariamente feliz, assim como o homem criminoso é necessariamente desgraçado, porque, segundo as doutrinas de um philosopho, o crime é o unico mal real assim como a Virtude o unico bem verdadeiro. Porém na'o vemos muitas vezes o crime na opulencia, e a Virtude esmagada? Sim o crime, em consequencia da desordem moral, é muitas vezes entronizado, entretanto que a Virtude é perseguida e despresada; mas não nos illudamos: o gozo das riquezas, e de uma vida cheia de prazeres, que a nossos olhos parece feliz, sendo alias criminosa, na'o é mais do que um

annuncio da eterna desgraça que está eminente, na'o é mais do que um passatempo, cercado de medonhos espectros, de vermes mortiferos: poderemos pois chamar a esta vida ditosa, mas nunca feliz; porque a felicidade na vida actual é a satisfação interior, galardão da Virtude.

Assim em quanto o homem criminoso lê em hediondo painel seus feitos inscriptos em negros caracteres, em quanto o remorso o persegue por todas as partes, em quanto treme da hora em que terá de ser conduzido á presença do Supremo Julgador do Universo, de quem receberá o castigo merecido, o homem virtuoso, ainda que perseguido da fortuna, está sempre satisfeito, porque a pureza de sua consciencia o fortifica, e em vez de envergonhar-se e tremer da presença de Deos, marcha para elle com passo seguro, porque na'o vai ser condemnado, vai porém receber um premio que lhe é devido--a eterna felicidade.

Se dest' arte o crime tiver algum merecimento aos olhos do mundo, este merecimento procede unicamente do mesmo crime,

que produz o desarranjo do mundo moral, e por isso o crime só será bello aos olhos do crime, mas será sempre disforme aos olhos da Virtude, aos olhos de Deus.

A Virtude, embora seja o meio unico de restabelecer a ordem social, embora sem ella a sociedade se perca no chaos de sua propria corrupção, não deve todavia esperar, como dissemos, um completo galardão na vida actual, onde o crime mais ou menos impera; porque esta vida não offerece todos os dados para sua gloria, e não é mais do que um tirocinio, um meio cujo fim está na vida ulterior.

Neste tirocinio nada satisfaz ao homem, elle aspira todos os dias novas cousas; aquelle a quem a fortuna persegue, espera que ella lhe sorria, aquelle a quem ella protege espera mais prosperidade, até que, sendo-lhe cortado o fio da existencia, elle se vai saciar na eternidade, onde recebe a sentença irrevogavel, onde a Virtude sobe á gloria, onde o crime desce ao abysmo dos eternos soffrimentos.

Na'o deve portanto o homem impacientar-se quando a for-

tuna o perseguir, antes deve persistir no caminho da Virtude, porque elle terá o premio de suas boas acções, compenetrando-se deste pensamento de Bathelémy--Na'o ha Virtude sem sacrificio.

Trabalhe o homem para o seu libertamento, vença as paixões que procuram escurecer-lhe a alma e corromper-lhe o coração, affronte com resignação a adversidade, que deste modo terá cumprido a alta missão, á que é destinado sobre a terra, onde gozará da satisfação intima, e receberá depois das mãos do Omnipotente o premio merecido--a eterna felicidade--porque o homem virtuoso é sempre feliz; porque a felicidade está na Virtude.

G.

---

### A VIRGEM NO DESERTO.

Bellas cohortes de arvores infleiradas teciam um bosque, onde apenas ouvia-se o trinado dos musicos aereos, e o trepido correr de um regato, que entre verduras se deslisava, serpenteando aqui e ali, e lambendo as lindas flores silvestres, que por sobre elle debruçadas, entregavam seus doces aromas aos brandos

zephyros, que as afagavam.

Este risonho quadro era animado pela duvidosa luz do sol, que se erguia do oceano em seu coche rosado, abrindo as portas do oriente. A' copa d'uma agigantada mangueira repousava uma bella virgem, á semelhança de uma dessas fadas mysteriosas da fabula. Dir-se-hia, ao ve-la, que Venus deixara o Olympo e que viera descansar ali das fadigas de seus amores, metamorphoseando-se em Driade habitadora do tronco daquela magestosa arvore.

Os olhos da virgem semelhavam a luz da aurora; negros e anelados cabellos mal presos pareciam tecer uma cadeia, em que o coração embevecido pelos olhos se deixaria enlaçar; nas faces de crystal desabrochavam duas dessas engraçadas flores, por sobre quem a Deusa Castalia deixou cahir uma gota de seu sangue; no seio alabastrino nutria dous niveos pomos que se ostentavam tão puros, como o entre-aberto jasmim na manhã da primavera; um sorriso creador tremulava em seus rubicundos labios, por entre os quaes se devisavam duas lindas fileiras de eburneos dentes.

As Gracias pareciam brincar no regaço desta venustade peregrina e os lepidos amores desafiavam ao jogos a multidão de seus companheiros em louvor do anjo tutelar desta selva.

Quem não experimentaria nella uma doce sensação, um arroubo celeste, um bello sentimen-

to, contemplando um quadro tão seductor ?!

Essa innocente creatura alimentava-se com o leite de seu rebanho, com as produccões de seus campos, com o fructo de suas arvores; ella era só e seus paes, ninguem a impacientava, nenhum mau pensamento, nenhum sonho-negro a perturbava. tinha o necessario, vivia satisfeita.

Via sempre os mesmos campos, a mesma relva, as mesmas arvores, as mesmas flores, os mesmos frutos, as mesmas agoas, os mesmos cordeiros, e por isso não podia desejar novas objectos, que lhe eram desconhecidos.

Para ella o mundo era aquelle sitio, as flores o seu desvelo, seus paes e Deos os seus unicos amores.

O luxo que corrompe as cidades não entrava na sua deliciosa habitação, a vaidade que dislustra a belleza das virgens corria della receiosa.

Era o symbolo da innocencia, o prototypo da virtude.

#### CHARADA.

A ninguem pode agradar,  
Pelo seu comportamento--- 1  
Mas unida á seis amigas  
Causa bello sentimento--- 1  
É um traste muito usado,  
Seja de lona ou de couro;  
Tendo um forte cadeado,  
Pode em si te até ouro.

Typ. Liberal rio Grandense 1857.  
Impresso por A. J. B. Tinoco.



A ROSA

A ROSA: PERIÓDICO RECREATIVO. NATAL: TYPOGRAPHIA LIBERAL RIO GRAN-  
DENSE, 1857.

08 FEV.- 10 MAR. 1857. - NS. 01-04.

OBSERVAÇÕES:

- O ORIGINAL APRESENTA PÁGINAS MUTILADAS, MANCHADAS E/OU ILEGÍVEIS.

NOTAS:

- IMPRESSOR: A. J. B. TINOCO

- PROCEDÊNCIA DO ORIGINAL: BN(SOR).

# A ROSA.

PERIÓDICO RECREATIVO

Anno de 1857.

Natal 8 de Fevereiro



## A ROSA.

A Rosa! . . . E o que é a Rosa? O que symbolisa ella? Qual a sua origem? Qual o seu fim? Perguntarão talvez curiosos os nossos leitores. Porque levamo-la nas mãos como talisman? Porque imos offerce-la ao publico como uma producção litteraria, como o resultado de nossas locubrações?

A rosa é o sol do jardim: brilha entre as demais flores como o ouro entre os metaes, encanta pela sua formosura, extasia com os seus perfumes. . . Mas é sempre uma flor! E essa flor tem espinhos, e esses espinhos ferem a mão que ousa toca-la!

E' por isso mesmo que escolhemos este emblema para representar o nosso pensamento:—essa palavra para o titulo do nosso jornal.

O nosso primeiro esforço, tomando sobre nós a tarefa de escrever para o publico, é beber em fonte pura conhecimentos uteis, para os repartir com os nossos semelhantes, que como nós

procurarem os thesouros da sciencia, instruir-nos para instruir os mais ignorantes, e despertar os doutos que podem esclarecer-nos.

Assim procuraremos imitar a perfeição da rosa.

Desejando tornar-nos uteis aos nossos irmãos, e particularmente aos nossos comprovincianos, procuraremos offercer-lhes semanalmente um recreio innocente, que muitas veses dilata o coração e destrahê o espirito nas fadigas da vida. São os perfumes da rosa.

O deleite se tornaria um mal, se não envolvesse, alem de conhecimentos uteis, o estimulo a pratica das boas accões, o amor à virtude.

A virtude é a saude d'alma, disse um philosopho, e não é lisongeando as paixões, nem alimentando praseres vaos que se consegue encaminhar para ella a humanidade, e colher os seus fructos preciosos.

Combateremos pois os vicios sem relação às pessoas, para que possa, na frase de um poeta, esmaltar-se a moral no temor do crime. São estes os espinhos da

rosa, mas espinhos que ferem para curar, que excitão a dor para dar a saude.

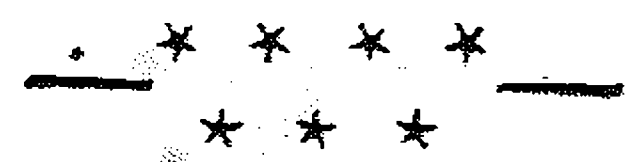
Já sabem pois os nossos leitores a razão do nome, e o fim da Rosa: a sua origem tambem não é desconhecida.—Uma sociedade de jovens sem instrucção, mas amigos das letras e dados ao estudo—a Aurora Natalense—nutrindo o dezejo de ser util aos seus conterraneos, vai offerer-lhes a pouca luz de que dispõem. Da Aurora devia nascer o sol, e não a Rosa, mas a rosa é tambem o sol do jardim, e depois de nós virá talvez quem possa formar uma composição mais digna d'este titulo.

E vós, bellas Leitoras, não nos accuseis de vos havermos esquecido. Em nosso jornal tereis um logar distincto, e Prasa a Deos que possamos diser alguma cousa digna de vós. A mulher, disse Voltaire, corrige os nossos defeitos e suavisa as nossas afflicções; e Bastos accrescenta que o sol faz os dias, mas é ella que os embellece e amenisa.

Seríamos pois ingratos, se em compensação não dessemos ás nossas patricias alguma parte do fructo, ainda que imperfeito, de nossas vigalias. Encontrarão ellas em nós, é verdade, mais a severidade do moralista, do que a meiguice do lisongeiro; mas que nos perdoem, porque para nós a virtude é a primeira formosura da mulher; e a vaidade antes a deslustra do que inno-brece.

O nosso plano está traçado; e o nosso batel — a Rosa — vae sulcar as ondas de um mar tempestuoso. Já contamos ter de lutar com os tufões da maledicencia, mas os latidos do zoilo nos não farão arear: ouvindo somente ao critico discreto, e tendo em mira o pharol que nos allumia, esperamos evitar o naufragio.

Vae pois, filha querida. Deos te fade bem, e nos leve comtigo em paz ao porto desejado.



#### A SOCIEDADE AURORA NATALENSE.

A' proporção que no homem se vão harmonisando as forças intellectuaes, vae-se taöbem desenvolvendo o germen do espirito de associação, que emana de sua propria natureza, e elle por fim procura a sociedade para onde o condusem suas inclinações e suas precisões.

Alem d'isto, se a sociedade, considerada na ordem moral, é a reunião de entes intelligentes, para a sua reciproca perfeição, como define Bonald, e se o homem é um ente q' sente, que pensa e que obra, e que deve procurar approximar-se ao grao de perfeição a que foi destinado pela sua causa primitiva; é evidente que, ainda quando não fosse a sociedade um facto que emana da propria natureza do homem; ella é de tal maneira util aos seus desenvolvimentos moraes, que elle a deve procurar e

manter, por quanto se na frase de Sismondi, o homem se instrue pela imitação, e se anima pelo exemplo, a imitação e o exemplo só o estado social lhe pode offerecer.

Considerada porem a sociedade em uma acceção mais restricta, é ella uma reunião de homens que combinão seos esforços para alcançarem um fim qualquer. Um homem pois, por si só, não poderá realisar um pensamento; muitos homens porem reunidos podem realisa-lo, porque então esse pensamento passa a ser o pensamento de todos, todos por elle se interessão, todos por elle trabalhão.

E' por se conhecer essa grande vantagem que nós Estados Unidos, diz M de Tocqueville, alem de associações permanentes, creadas pela Lei com o nome de —Communs,—muitas outras existem particulares, que trabalhão em prol do progresso moral e material.

Conclue-se por tanto que é incontestavelmente util ao progresso a existencia de associações, porque n'ellas discutem-se as opiniões com aquella força e calor que se não poderia dar ao pensamento escripto, desenvolvem-se as materias, combinaõ-se os meios que conduzem ao fim a que se ellas propoem, removem-se os obstaculos que impedem a consecução d'esse fim, e finalmente concentrão-se todos os elementos, de que cada membro pode dispor.

Desejosos pois de adquirirmos alguma illustração, e convencidos de que a associação é o meio mais facil de se conseguir as grandes empresas, e de se aperfeicoarem os talentos; dispertamos do lethargo em que jásiamos, e acabamos de installar a sociedade—Aurora Natalense.--

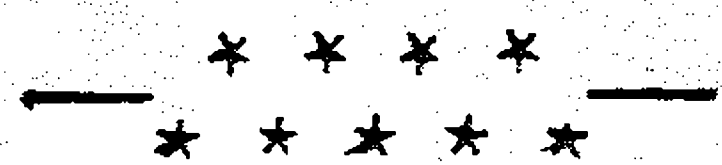
Esse nome exclue qualquer idéa de pompa e exprime o que d'ella se deve esperar; porquanto, assim como a Aurora, difundindo no espaço apenas uma frouxa claridade, é a percussora do dia, o annuncio de que o sol se approxima do Levante, assim a Sociedade---Aurora Natalense,—produzindo apenas minguidos fructos, é, quando muito a percussora, o annuncio do luminoso astro da civilisação, que, assomando no Orisonte Rio Grandense, virá espargir por sobre elle sua luz benefica e vevificante.

O nosso fim é, dedicando ao publico o fructo de nossas locubrções, procurar os meios de illustrar-nos e aperfeicoar-nos reciprocamente; e por isso de bom grado aceitamos as correções dos que, dominados como nós do amor da illustração, nos quizerem esclarecer com suas luzes, e despresamos desde já os que levados somente do espirito de mordacidade, procurarem atassalhar-nos.

Com milhores bases se tem instituido n'esta Capital algumas associações, que convergião ma-

is ou menos para o desenvolvimento moral da Provincia, e todas infelizmente tem desaparecido antes que se colhessem os fructos, que devião produzir; e por isso não é muito que esteja reservada á esta a mesma sorte; mas resta-nos-ha a gloria de haver-mos taõbem conduzido uma pedra para a edificação do templo magestoso da civilisação da terra que nos vio nascer.

*Aleixo B. da Fonséca Tinóco.*



### UMA VIRGEM PENSATIVA

Qual a rosa desmaiada,  
Debruçada  
Nas varandas do jardim,  
Scismava meiga donzella,  
Pura e bella,  
Como a fonte cristalina,  
Como do prado a bonina,  
Como o tenro bogarim.

Scismava—e esta expressão  
De pungente, acerba dor  
Era nascida do peito,  
Era nascida de amor.

E este amor era puro,  
Este sentir innocente,  
Como o gemido da rola,  
Como o sorriso do crente.

E suspiro intercortado,  
Magoado,  
Soltava do coração;  
Seus olhos humedeciam,  
E diziam  
O que seu peito sentia,

O que n'alma lhe fazia  
Tão cruel agitação.

Então lhe disse:—donzella,  
Porque suspiras assim?  
E ella disse nos olhos,  
—Que suspirava por mim.—

*F. Gomes da Silva Junior.*



### CHARADA.

Sendo pobre e paciente,  
Entre as syllabas estou; — 1  
Diminuindo-se em Anna,  
Aliás se acrescentou. — 3

Sou tambem diminuida,  
Acrescentada tambem,  
Vale a pena que me chamem  
— Querido anjo, meu bem —

A flor do vale  
Na madrugada  
Não é tão bella  
Tão engraçada.

Pura e singela,  
Como o jasmim;  
Bella innocente,  
Qual serafim.

Doces perfumes,  
Filhos do ceo,  
São menos gratos,  
Que o seio meo.

Typ. Liberal Rio Grandense 1857\*

Impresso por Joaquim M. G. de A.

# A ROSA.

PERIÓDICO RECREATIVO.



Anno de 1857.

Natal 15 de Fevereiro

## A ROSA.

A rosa, ou seja encarada como palavra, ou simplesmente como flor, ao mesmo tempo que impressiona, agrada e lisongêa as vossas faculdades sensitivas, falla á intelligencia, desperta a imaginação: sob o aspecto de flor, nenhuma outra offerece um tão agradável quanto delicado prisma: sob o aspecto de palavra, nenhuma outra é tão expressiva, e comprehenderia melhor o fim de uma revista recreativa, que não exclua a instrução, socia fiel do bem entendido deleite.

Esta expressão tão suave e tão bella; este nome tão singelo e ao mesmo tempo sublime; esta flor mysteriosa—a rosa—deriva-se do egypcio--ro e sai-bocã e bella—; é pois a rosa a loquacidade e a belleza, a elo-

quencia e a poezia lealmente associadas, perfeitamente amigas, a expressão viva do bello, a boca que articula palavras agradáveis e brandas, singelas e naturaes,

Dahi se vê, que a rosa, sobre ser debaixo do ponto de vista material, uma delicada flor, que, por sua natural perfeição, move a curiosidade, e, representando no jardim o mais bello e importante papel, parece requerer de amores, fallar de ternura, dizer de poezia, é debaixo do ponto de vista abstracto uma palavra, que, por sua origem e em sua pureza nativa, representa um bello pensamento: ella falla para instruir, mostra-se para deleitar; e porque na rosa branca reside a pureza e a virtude, e na rosa nacarada se debuxa o pejo e a honestidade, estão dispostas ao derredor de seu pedunculo bem ordenadas cohortes de agu-

çados espinhos, vigilantes senti-nellas desses sagrados penhores. Esta flor é dentre as filhas do jardim aquella que mais bellos e singulares quadros nos offrece: ora ella risonha, mostra livremente seus assafreados estames, que, cingindo brilhante aureola, semelham a linda aurora, que, surgindo do oceano, doura os orizontes: ora meiga e innocente, se desabrocha do tenro botaõ, como o sorriso, que tremula nos labios do infante: ora borrifada do matutino orvalho, verte lagrimas tristes e cristalinas, como a donzella, que chora de amores: ora balouçada pela brisa da manha, deixa cahir suas dengosas folhas, qual a virgem pensativa as ondulantes madeixas sobre o collo.

A rosa alfim, sobre ser ta'õ bella e delicada, ta'õ expressiva e fascinante, é ainda enriquecida pelo mais grato aroma, é ainda exaltada pelos mais sublimes epithetos, é ainda bafejada pelas azas dos cysnes, e para sua inteira grandeza e perfeiça'õ se vae prender ao céo, representada na divina Iduméa.

F. Gomes da Silva Júnior.

### O JARDIM MISTERIOSO.

— A ROSA — Bellas Companheiras: Agora, que o sol se vae sepultando no occaso, sugueitando o valle ao imperio das sombras: agora, que a brisa vagueando por entre a folhagem leva a Deus, como em oblacção, os doces perfumes do dia, vamos abrir os nossos trabalhos; e recomendo-vos nas discussões a maior calma e respeito.

—Bonina—No portão do Jardim está uma flor, e pede-vos um repouso.

—Rosa—Qual o seu nome, e naturalidade?

—Bonina—E' a flor do tigre, natural do Mexico: talvez que o nome da nõviça vos cause horror, mas se a conhecerdes de perto, esse horror se dissipará.

E' admiravel a belleza dessa linda flor, quando no mez de Agosto ostenta as brilhantes e variadas côres de que se adorna. Abre sua corola gentil pela volta das 8 horas da manha, e passadas 7 horas fecha-se para nunca mais se abrir, como as esperanças de um infeliz, que nascem, e para logo morrem.

—Rosa—Fasei entrar a nossa

companheira. Continuemos os nossos trabalhos.

—Heliotropo—Haja um castigo severo para o Cravo amarello! Esse agoureiro deo agora para cantar *modinhas* no valle do occidente; e o que mais admira é, que a paternidade das letras e da musica attribue a si . . . .

—Todas as flores—Oh! ha de ser galante ouvir o cravo amarello cantar *modinhas*! . . . .

—Heliotropo—Quem quiser vá ao valle do occidente, que verá esta e outras raridades.

—Lyrio—Fui nomeado pelas flores do valle do Norte para representar contra o procedimento do Cravo rouxo, que ali está, a todos maltratando, e insultando, e não satisfeito ainda com isto, remette as nossas companheiras para o valle do sul, onde são obrigadas a permanecer por um certo tempo: a continuar este terrivel mal, aquelle valle ficará sem bellesa, e as suas diversas produccões serão extintas!

—Cravo branco—As flores e arbustos do valle do occidente costumão deitar agoa umas sobre as outras aqualquer hora do dia ou da noute.

Entendo que este uso barbaro deve acabar paro sempre.

—Bonina—Não podendo viver por mais tempo *de fileiras abertas*, e com arma apresentada, fazendo continencia a todos os arbustos, que entra'o no jardim: peço exoneraça'o do logar de guarda porta'o. . .

—Junquillo—Exm<sup>o</sup>. Pero-la do valle, eu accuso o Jasmim por ter assignado uma poesia, que fez. Tenho meu orgulho, e na'o posso tolerar que o Jasmim, se torne assim conhecido; especialmente porque é natural do nosso cantão e é muito joven.

—Rosa—Na'o acceito a accusaçã'o por nascer da inveja e da maledicencia.

—Fedegoso—O nosso bosque está ás escuras; e o nosso regente nenhuma providencia dá.

← Rosa—Qem é o regente?

—Fedegoso—

E' aquella roxa flor,  
Que sem o menor pudor  
Está sempre no caminho,

Mentindo,

Adulando,

Intrigando,

Trahindo

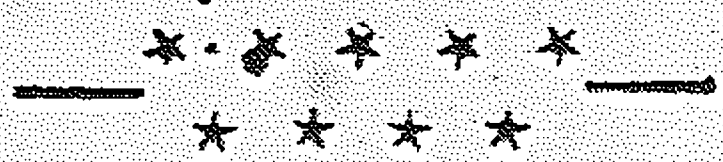
Até seu proprio raminho

--- Rosa --- Cravo branco to-



mai nota de tudo para se darem as providencias.

Bellas companheiras, esta'o por hoje findos os trabalhos: vamos pois admirar as bellesas da Natureza.



### A MULHER.

Moralmente fallando, a mulher é um Cantico eterno de Deus; é uma harmonia do anjos; é o nascer perpetuo da aurora; é o murmurar do arroio que serpeia em torno á *rosa spontanea* que ao pé da fonte nasceo; é o maná dos Israelitas cristallizado; é o Oasis no deserto da vida; é o sonho do poeta; é o despertar do crente; é a esperança do ambicioso; é o *genesis* da religia'o universal; é a seita geral de todos os paizes; é a imagem esculpida no crâneo de todas as raças; é a vida á cabeceira do agonisante; é a unica saudade que o homem leva para o tumulo; é o azul do Ceo que a-lenta o naufrago no meio da tempestade; é a brisa da manhan que prepassa o rosto afogueado do que arde em febre.

*Estr.*

## CHARADA.

Por essencia não sou boa,  
E ninguem me pode amar—1  
Assim faz o lindo infante,  
Quando está ledo a brincar—1

Em verdade eu não estou,  
Nem acolá, nem ali;  
Se me quizerdes achar  
Vinde buscar-me em aqui—1

Seja em Franca ou em Italia  
Nunca vós me haveis achar—  
Ide me ver em Hespanha,  
Que então me haveis encontrar--1

O teu nome original  
E' por todos exaltado;  
E agora, tens Donzella  
Teu nome dulcificado.

---

Decifração da do n.º 1.º  
—Joaninha.—

### ERRATAS DO 1.º NUMERO.

6.º Linha 1.º Col. Pag. 1.º,  
depois de --como--lea-se um talisman. Penultima L.º 2.º Col. Pag. 1.º depois da palavra-moral --lêa-se no horror ao crime  
5.º L.º 2.º Col. Pag. 3.º lêa-se -- de se conseguirem 8.º L.º 1.º Col. Pag. 4.º lêa-se -- restar-nos-ha.

---

Typ. Liberal Rio Grandense 1857.  
Impresso por Joaquim M. G. de A.